

PREFÁCIO

Os historiadores do futuro que analisarem o declínio e a queda do catolicismo pós-Vaticano II com um olhar ao jeito de Gibbon não deixarão de registar um facto notável: na altura em que a Igreja estava a desmoronar-se, esmagada pelos ventos da mudança e do «progresso», havia conversos que procuravam abrigo debaixo do seu teto. Como se explica, perguntarão esses historiadores, que houvesse pessoas a aderir a essa religião precisamente quando ela estava a desintegrar-se?

A resposta mais profunda a esta pergunta está contida na tese de Donna Steichen, uma tese maravilhosamente ilustrada pelas histórias de conversão que ela coligiu neste livro, e que é, muito simplesmente, a seguinte: quem converte não são os homens – é Cristo; e, mesmo que os pastores que Ele destinou fujam, Ele permanece, atraindo, até ao final dos tempos, os perdidos e os errantes desta vida para a rocha inquebrantável que é a sua Igreja.

Durante muitos anos, a política de evangelização dos bispos americanos consistiu em não ter nenhuma política de evangelização efetiva. E, contudo, os órfãos espirituais desse tempo continuaram a bater à porta da Igreja. Quem os terá atraído, senão o próprio Cristo? Quem terá assistido esse movimento, senão o Espírito Santo? Nenhuma atração deste mundo pode explicar isso. Com efeito,

as glórias estéticas da Igreja, a pompa e o poder que atraíram os superficiais e os glamorosos de outros tempos praticamente desapareceram nos anos sem brilho que se seguiram ao Vaticano II.

Assim, as conversões que tiveram lugar no meio da crise do período pós-Vaticano II e que aqui ficam compiladas por Steichen apresentam-se como particularmente puras e, em muitos casos, divertidamente improváveis, constituindo um testemunho da verdade central que muitos pastores de Cristo esqueceram nesse período: a de que a Igreja não é uma instituição feita pelos homens, mas uma instituição divina – um repositório perpétuo de verdade e graça tão poderoso que nem a noite do escândalo consegue ofuscá-lo.

Na verdade, se a Igreja fosse uma instituição humana, as conversões que ocorreram no auge da crise não fariam nenhum sentido, e poderiam até parecer mórbidas; a situação seria comparável à de uma pessoa que fosse comprar um medicamento depois de as autoridades terem declarado que ele fazia mal à saúde. Mas como é Deus – e não os homens, que são falíveis – o responsável pelas conversões à sua indefetível Igreja, elas podem ocorrer em qualquer sítio, a qualquer momento, inclusive nos piores momentos. Cristo, o Bom Pastor, pode pegar nos estilhaços da cerca desfeita – um laicado valente, um ou dois bispos corajosos, um resquício das escolas e das ordens religiosas ortodoxas – e não só proteger o seu rebanho, mas também fazer com que ele cresça.

Durante o período em que fiz a cobertura jornalística da crise na Igreja, ouvi muitos conversos dizerem-me que não era por causa dos seus ministros que queriam entrar na Igreja de Cristo, mas apesar deles. Um estudante anglicano de uma universidade jesuítica já muito secularizada contou-me um episódio que se enquadra bem neste contexto: tendo informado uma freira da assistência religiosa da universidade de que desejava fazer parte da Igreja Católica, ouvi-a perguntar: «Mas porque é que quer fazer isso?» Essa mulher, que tinha perdido o interesse pela sua própria fé, ficara espantada com o interesse do jovem pela mesma fé.

Estes episódios são, até certo ponto, desanimadores, mas a um outro nível revelam-se estranhamente consoladores – porque são uma prova involuntária de que a Igreja tem uma dependên-

cia essencial de Cristo, que prometeu nunca a abandonar na perseguição, perpetrada quer pelo mundo exterior a ela, quer pelos Judas que nela existem. Tal como o surgimento de heresias é uma oportunidade para se proceder a uma apresentação mais lúcida da fé, assim também o surgimento de escândalos é uma oportunidade para a purificação, para uma adesão renovada a Cristo e ao seu magistério por parte de um laicado que pode tornar-se um novo instrumento da sua graça.

Na raiz da falta de interesse pela evangelização de muitos membros do clero está uma crise de fé, a suspeita de que a Igreja não é divina, mas apenas uma espécie de centro terapêutico global, a que as pessoas podem pertencer se lhes apetecer; se não lhes apetecer, tanto faz. O eventual fervor dessas pessoas orienta-se todo para o ecumenismo: esforçam-se por apresentar positivamente todas as religiões do mundo, à exceção da sua.

Entretanto, descartam a prática missionária da Igreja, considerando que foi intolerante, e, quando conseguem manifestar algum entusiasmo por processos de conversão, é quase sempre por conversões ao catolicismo heterodoxo. Chegam mesmo a propor aos «fundamentalistas» aquilo a que, na gíria, se tem chamado uma troca de prisioneiros: «Deem-nos os vossos liberais, que nós damos-vos os nossos conservadores».

Com efeito, fiquei espantado com a reação do cardeal Walter Kasper quando a Comunhão Anglicana Tradicional, um grupo que representa 400 000 pessoas, pediu para ser admitida na Igreja Católica; esse pedido pareceu-me uma excelente notícia, mas o cardeal não achou o mesmo: «Temos boas relações com o arcebispo da Cantuária, e estamos a colaborar com ele, na medida das nossas possibilidades, no sentido de manter unida a comunidade anglicana», declarou o presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos ao *Catholic Herald*, um jornal britânico. «Não é nossa política trazer tantos anglicanos para Roma».

Isto numa altura em que o Vaticano, então liderado pelo Papa Bento XVI, tinha publicado uma «Nota doutrinal sobre alguns aspetos da evangelização», onde reiterava que os bispos existem para «conduzir toda a humanidade a Cristo na Igreja». Se os primeiros

bispos, os Apóstolos, tivessem adotado a ambivalência do cardeal Kasper, teriam mandado embora as multidões que se aproximavam de Jesus para ouvirem as suas palavras de salvação.

Vivemos, para dizer o mínimo, tempos intrigantes, em que muitos bispos estendem uma mão à heterodoxia mundana ao mesmo tempo que, com a outra, detêm aqueles que procuram a ortodoxia; em que descem a fasquia para permitir a entrada dos Tony Blairs, ao mesmo tempo que a elevam para os tradicionalistas.

Felizmente, aqueles que procuram a ortodoxia ainda conseguem ouvir a voz de Cristo no meio do ruído ecuménico e dos falsos ensinamentos, e este livro está cheio de histórias que ilustram esse processo dramático. De bruxas a gurus da medicina contemporânea, de cétricos e pecadores ferozes a outros mais vulgares, o apelo de Cristo à conversão foi ouvido por eles – um apelo que soa com cada vez mais intensidade neste nosso tempo de um hedonismo gasto e esgotado.

Sussurrando a um no meio dos seus prazeres, gritando a outro (como dizia C. S. Lewis) nas suas dores, Deus fala ao homem moderno no término de um secularismo que fracassou, entoando suavemente: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu peso é leve».

George Neumayr

Diretor do *Catholic World Report*
e colaborador prolífico com outros periódicos

INTRODUÇÃO

SEMPRE ESTAMOS A ASSISTIR A UMA SEGUNDA PRIMAVERA?

Dona Steichen

A vida é dura, dizem-nos, porque temos de vivê-la olhando para a frente, mas só conseguimos percebê-la olhando para trás. A história do catolicismo, tal como qualquer outra, é feita de crises imprevistas, de dias de ignomínia que sucedem inesperadamente a dias de glória. O futuro para o qual as pessoas estavam preparadas raramente foi aquele que ocorreu. Numa análise retrospectiva, conseguimos perceber como cada época nasceu a partir da precedente; quando ocorreram, porém, pareceram nascer do nada.

Por muito maus que fossem os tempos, sempre houve trigo a nascer no meio do joio. Sempre houve graça suficiente para inspirar alguns heróis a oporem-se aos males da sua época e para gerar os santos que Cristo enviou com a missão de reconstruírem a sua Igreja.

Ao longo do século XX, a Igreja americana passou por dois períodos radicalmente diferentes, numa perturbadora sequência descendente. Nos primeiros anos do século XXI, vê-se atolada em

vergonha, e as previsões acerca do seu futuro parecem depender da direção para onde se olha.

Olhando para um lado, a ruína parece inevitável: 40 anos de degradação da liturgia, catequese sem conteúdos, dissidência teológica sem responsabilização, deserção do clero, subversão feminista e fraqueza episcopal generalizada devastaram uma subcultura católica viçosa como uma interminável pandemia de peste bubónica.

A permitir que tais desastres se dessem estiveram bispos que não se adequaram aos tempos revolucionários. À exceção de uns quantos ideólogos radicais e de um ou outro perverso patológico, os bispos americanos de meados do século eram homens normálíssimos, que teriam sido melhores funcionários públicos cumpridores do que heroicos combatentes nas barricadas da doutrina.

Ao longo de quatro décadas tremendas, a maior parte das feridas litúrgicas e catequéticas diretas foi infligida aos fiéis por representantes das cada vez mais inchadas máquinas burocráticas dos bispos; mas, tal como no caso dos mal geridos processos de abuso sexual, a responsabilidade terá de ser, em última análise, assacada aos responsáveis executivos pelas ordens e pela aprovação dos resultados. No ano anterior à sua morte, o Papa João Paulo II revelou a percepção que tinha do problema, ao dizer aos bispos americanos em visita *ad limina*: «A reforma necessária da Igreja nos Estados Unidos exige, antes de mais, renovação interior e conversão dos bispos».

Assim sendo, dá a impressão, à primeira vista, de que a atual crise resulta exclusivamente de uma má gestão. Acontece porém que, na realidade, aquele que foi o rápido declínio da Igreja começou na academia, com teólogos e outros investigadores que se viam a si próprios como um «segundo magistério»¹, um magistério mais lúcido, livre e até obrigado, em consciência, a dissentir de toda e qualquer fórmula doutrinal definida pelo «primeiro magistério». Teólogos para quem a aceitação da definição tradicional da teologia como «a fé à procura de compreender» ao serviço da Igreja punha em causa a sua integridade profissional.

¹ Richard McCormick, SJ, «The relation of theological reflection and analysis to the Magisterium», *National Catholic Reporter*, 7 de agosto de 1968.

Começaram por menosprezar a Sagrada Escritura, classificando-a como um conjunto de mitos de povos primitivos que procuravam explicar os males da humanidade. Pouco depois, já estavam a pôr em causa a doutrina da Igreja sobre a Encarnação, o nascimento virginal de Cristo, a Ressurreição, as origens da Igreja Católica e a transubstanciação. Seguiram-se os desafios ao sacerdócio exclusivamente masculino e à doutrina da Igreja sobre a moral sexual, a começar pela contraceção e passando rapidamente à homossexualidade e ao celibato dos padres. E estas ideias difundiram-se tão depressa que, em 1976, num encontro intitulado «Apelo à ação», promovido pela Conferência Episcopal Americana mas dominado por profissionais da Igreja, os delegados votaram favoravelmente uma indicação para a Igreja «reavaliar as suas posições» sobre a homossexualidade, o controlo da natalidade, a ordenação de mulheres e de homens casados, os acólitos femininos e a tomada de decisão sobre matérias doutrinárias por via do voto.

Nas paróquias, foram numerosos os padres que adotaram essas posições. O mesmo aconteceu aos responsáveis pela catequese, essencialmente religiosas e ex-religiosas que tinham saltado das salas de catequese das paróquias para essas funções recentes e especializadas que começavam a proliferar na burocracia eclesiástica. Não tardou que essas opiniões fossem impostas a um laicado desorientado. E foi assim que muitos católicos receberam a garantia, quer na Confissão, quer em aulas de universidades católicas, quer até em sessões de preparação para o Matrimónio, de que faziam muito bem em assistir ao casamento dos filhos que se casavam invalidamente, porque não podiam marginalizá-los, e de que eram eles quem tinha de tomar decisões no que à contraceção dizia respeito.

Mas a primeira coisa que desorientou a maior parte dos fiéis foram as súbitas inovações litúrgicas. Dava a impressão de que em todas as missas havia uma surpresa: ora dar as mãos durante o cânone, ora ler artigos da *Time* em vez das epístolas, ora os presentes apresentarem-se alegremente uns aos outros. Nas homilias, troçava-se dos dogmas definidos pela Igreja, e os fiéis eram instados a fazerem uma roda à volta do celebrante e do altar. Até os que apreciavam os ritmos dos novos cânticos se sentiam incomodados com tais inovações.

A Conferência Episcopal Americana recusou-se a aceitar o «Apelo à ação»; mas, fosse por ficar amedrontada perante as credenciais académicas dos dissidentes, esmagada pelo peso das responsabilidades executivas, ou simplesmente por ser incapaz de reagir, a maioria dos bispos nada disse na sua diocese. Assim, em vez de disciplinarem os subordinados que contestavam abertamente os dogmas, transferiram a obrigação de reagir para os seus colegas da conferência episcopal, e depois para os «especialistas» contratados pela mesma conferência episcopal, dissipando os recursos da Igreja em programas de «renovação» que iam desde os ineficazes aos relativistas.

Ao mesmo tempo, eram poucos os que mostravam simpatia pelos crentes que reclamavam proteção contra os agressivos modernizadores da liturgia, da catequese e da educação sexual. O fracasso pastoral deste período avivou imagens arrepiantes do Livro de Ezequiel, escritas durante o exílio do povo judeu na Babilónia, numa altura em que os israelitas estavam a deixar-se assimilar pela cultura pagã que os rodeava:

«Assim fala o Senhor Deus: «Ai dos pastores de Israel [...] não apascentastes as ovelhas. Não tratastes das que eram fracas, não cuidastes da que estava doente, não curastes a que estava ferida; não reconduzistes a transviada; não procurastes a que se tinha perdido; mas a todas tratastes com violência e dureza. Por isso, à falta de pastor, elas dispersaram-se e, na sua debandada, tornaram-se presa de todos os animais dos campos» (Ez 34, 1-5).

Perante tais ambiguidade e confusão em torno dos dogmas católicos, da doutrina moral e da ordem espiritual, milhões de leigos católicos concluíram que a Igreja não tinha nenhuma pretensão em relação à verdade, e por isso não tinha autoridade moral para os orientar. A avaliar pelos relatos sobre o uso de contraceptivos; pelo número de filhos; pelas taxas de esterilização, aborto, divórcio e tentativas de segundo casamento, a vida familiar dos católicos tornou-se estatisticamente indistinguível da vida do mundo secular.

Entre 1968 e 1998, as declarações de nulidade de casamentos nos Estados Unidos subiram de 338 para 50 498². Entre 1965 e 2000, a participação regular na missa dominical baixou de 65% para 25%³.

Foi então que, em 2002, o escândalo dos abusos sexuais se abateu sobre os já atordoados fiéis católicos qual gigantesca inundação de água de esgoto. Desde o século XV e dos tempos do Papa Alexandre VI Borgia e dos seus múltiplos filhos que a reputação da Igreja não era tão má. O desprezo pelos bispos veio substituir a confiança. Dum lado ao outro do espectro dos católicos, desde os enxames de rebeldes do «Apelo à ação» e dos desdenhosos circuitos da *Commonweal* até bastiões da ortodoxia militante como a *New Oxford Review*, surgiram vozes a advertir que a Igreja se tinha tornado irrecoverável. E aqueles que preveem o exílio permanente do catolicismo para a franja dos lunáticos culturais fazem-no com base na sondagem sobre a religião e o espaço público feita pelo Forum Pew de 2008, cujos resultados – que têm por base uma numerosa amostra – indicam que o maior grupo religioso da população (nada menos que 10% dos americanos) é constituído por católicos que abandonaram a Igreja.

Será certamente mais fácil interpretar a atual trajetória do catolicismo dentro de 40 anos; mas é um facto que, para quantos a leem como uma simples crise de gestão, a atual situação não é brilhante.

Contudo, se olharmos para outro lado, dá a impressão de que se iniciou uma nova e promissora era na vida da Igreja. Enquanto a velha cultura católica estiolava num deserto árido, surgiu na areia seca uma onda discreta de graça, que rodeava a quilha da barca de Pedro, encalhada na praia, e começava a erguê-la.

A tese deste livro é que podemos confiar nas palavras que Cristo dirigiu a Pedro: «Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela» (Mt 16, 18). Ele não

² Kenneth C. Jones, «Annulments», in *Index of Leading Catholic Indicators: The Church since Vatican II*, St. Louis, Missouri, Oriens Publishing Company, 2003, p. 70.

³ James R. Lothian, «Mass attendance», in Jones, *Index of Leading Catholic Indicators*, pp. 72-76.

abandonou a Igreja nas suas muitas crises anteriores, e voltará a preservá-la e a sustentá-la. Fiel à sua promessa, a Igreja não morrerá.

Mas como se processará hoje a recuperação da Igreja, numa altura em que os meios de evangelização estabelecidos em períodos mais saudáveis estão corrompidos, em que os habituais mensageiros da esperança transigiram e se cobriram de vergonha? Neste período terrível, quem terá autoridade, credibilidade e santidade para lhe devolver a saúde? Só o próprio Cristo pode recuperar a sua Igreja, como escreveu Ezequiel:

«Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas, sou Eu quem as fará descansar – oráculo do Senhor Deus. Procurarei aquela que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha tresmalhado; cuidarei da que está ferida e tratarei da que está doente. Vigiarei sobre a que está gorda e forte. A todas apascentarei com justiça» (Ez 34, 15-16).

E fá-lo derramando a sua graça sobre aqueles que escolheu para realizarem a sua obra. Enquanto os pastores deixavam de proteger o seu rebanho, enquanto os mercenários deixavam de ensinar as verdades da fé, uma série de leigos fervorosos começou a assumir as tarefas que os bispos tinham descurado. Geralmente sem orientação episcopal – e em muitas circunstâncias até em oposição a ela –, praticamente sem ajuda por parte do clero e dos religiosos, essas pessoas começaram a realizá-las por necessidade. Na verdade, tratava-se, em muitos casos, de assumir as responsabilidades próprias de um laicado bem formado, como haviam declarado os Padres do Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium*, a constituição dogmática sobre a Igreja⁴.

No movimento em defesa da vida, por exemplo, os leigos mostraram-se mais corajosos, mais inteligentes e mais criativos do que os seus bispos, menos preocupados com a perda de favores políticos, menos receosos do desprezo dos *media*. Assim, os ativistas leigos fizeram lóbi junto dos legisladores; falaram para inúmeras audiências com vontade de os ouvir; participaram em debates com defensores do aborto; escreveram artigos, livros e cartas aos dire-

⁴ *Lumen Gentium*, capítulo 4: «Os leigos».

tores dos meios de comunicação social; publicaram jornais e revistas; e criaram anúncios em defesa da vida. Esforçando-se por ser simultaneamente prudentes como as serpentes e simples como as pombas, criaram linhas telefônicas de ajuda; inventaram as consultas nos passeios; e fundaram uma cadeia nacional de programas independentes para gravidezes desprotegidas que permitiram ligar as mulheres grávidas e os respetivos filhos a cuidados médicos e de subsistência. Deste modo, trabalhando de mãos dadas com aliados evangélicos, contribuíram, lenta mas eficazmente, para voltar a opinião pública contra o aborto livre.

Numa altura em que a «nova catequese» lhes declarava que as opiniões liberais passageiras eram uma obrigação moral, esquecendo-se de ensinar até os mais simples rudimentos da doutrina católica, os pais preocupados decidiram que tinham de ser eles a assumir a responsabilidade pela catequese dos seus filhos. E foram milhares os que passaram a ensiná-los em casa. Alguns conceberam materiais curriculares e programas de apoio para ajudar outras famílias com os mesmos objetivos. Muitos pais que tinham passado pela fase da iliteracia em termos religiosos aprenderam a doutrina ao mesmo tempo que a ensinavam, em muitos casos através do há muito esquecido *Catecismo de Baltimore*. Por todo o país, outros católicos conscienciosos, leigos e religiosos, abriram pequenas academias ortodoxas independentes.

Os empreendimentos pioneiros que foram as novas universidades católicas – o Thomas Aquinas College, na Califórnia, o Christendom College, na Virgínia, o Magdalen College e o Thomas More College, em New Hampshire – foram lançados por leigos com o objetivo de criar alternativas ortodoxas a instituições há muito estabelecidas mas que se tinham tornado demasiado seculares para serem capazes de transmitir os tesouros da fé. A procura de uma formação católica ortodoxa fez com que a Universidade Franciscana de Steubenville conhecesse um extraordinário recrudescimento e conduziu à criação ou ao restabelecimento de um crescente número de outras instituições, como a Ave Maria University, na Florida, o Belmont Abbey College, na Carolina do Norte, o Benedictine College do Kansas, a Universidade Católica de João Paulo II, o *Grande*, em

San Diego, a Universidade de Dallas, o Southern Catholic College, na Geórgia, e o Wyoming Catholic College.

Foram os leigos que formaram a espinha dorsal do Movimento Carismático católico, que constituiu um porto de abrigo para quantos viram a sua fé abalada pelas convulsões dos tempos. E há outros movimentos vitais, também eles recentes, como o Opus Dei, o Comunhão e Libertação, os Focolares e o Caminho Neocatecumenal, que são, em grande medida, empreendimentos de leigos.

Para além das novas ou renascidas editoras dirigidas por sacerdotes e leigos (como a Ignatius Press e a Scepter Press), aliás florescentes, há hoje editoras lançadas por leigos, como a Sophia Institute Press, a Emmaus Road Publishing e a Neumann Press. Entre os exemplos recentes de revistas fundadas por leigos, contam-se *This Rock*, *Lay Witness*, *New Oxford Review*, *Fidelity*, *Crisis*, *Culture Wars* e *Latin Mass*, para além da já clássica *Wanderer*.

Que descrição se aplica então aos leigos? Discípulos audazes ou iletrados doutrinários laxistas? Na verdade, ambas as imagens retratam adequadamente diferentes grupos, em diferentes tempos e lugares. Se Cristo os escolher, e eles se deixarem banhar no rio da sua graça, os laxistas podem tornar-se audazes.

Observámos os efeitos desta graça naqueles que permaneceram fieis ao longo das décadas de crise. Agora que, com o passar dos anos, eles são cada vez menos, observamos os efeitos dessa graça na vida dos seus filhos, esses filhos que são frutos do movimento em defesa da vida e produtos da educação em casa, das academias privadas e dos novos movimentos. Entre os jovens católicos assertivos cuja mera existência suscita espanto e análises preocupadas nos círculos académicos liberais, conta-se uma percentagem significativa de antigos alunos das novas academias ortodoxas. Alguns usam *t-shirts* onde proclamam alegremente: «Dez grandes razões para continuar a ser católico», «*Summorum Pontificum*: acordem e sintam o cheiro a incenso», «Um terço por dia, que bem que lhe fazia!» e «Sou aquele tipo de católico com quem os *media* liberais lhe disseram para ter cuidado». John Allen, colunista do *National Catholic Reporter*, escrevia recentemente que o «catolicismo evangélico» destes jovens constitui «uma corrente poderosíssima ao nível

da decisão estratégica dentro da Igreja, bem como uma tendência cheia de dinamismo ao nível dos militantes de base». Ao nível da «decisão estratégica dentro da Igreja», estes jovens exprimem aquilo a que Allen chama a «ortodoxia afirmativa» do Papa Bento XVI; e o colunista faz notar que estes «católicos evangélicos» têm uma característica comum: a assunção voluntária e a afirmação pública da doutrina, da linguagem e das práticas católicas tradicionais⁵.

Contudo, por muito promissores que sejam, estes filhos do resto continuam a ser uma minoria, quer na sua geração, quer no conjunto da Igreja. Onde irá Cristo encontrar novos discípulos que os ajudem a reconstruí-la nos nossos dias? Em todas as suas crises passadas, a Igreja foi preservada, sustentada e restaurada pelos santos, por homens e mulheres que foram chamados por Cristo e infundidos com os dons do Espírito Santo para defenderem a sua Igreja. Tenham sido ou não canonizados, todos esses discípulos foram testemunhas proféticas, profundamente empenhadas no restabelecimento da sua beleza e da sua integridade, ao ponto de esquecerem o preço que tiveram de pagar por isso e de suportarem corajosamente os sofrimentos que essa missão lhes acarretou. Raramente alcançaram tudo aquilo que tinham esperado; porém, graças ao seu destemido compromisso com a fé, levaram outros a aceitá-la como verdadeira.

Onde encontraremos recrutas que se juntem a eles? Na resposta a esta pergunta, detetamos a realização, com grande intensidade, da promessa de Cristo de que as portas do inferno não prevalecerão contra a sua Igreja. Deus continua a disponibilizar a sua graça, tal como fez quando mostrou a Ezequiel que pode reunir um exército devolvendo a vida a uma pilha de ossos secos (cf. Ez 37, 1-14). Não devemos surpreender-nos com os atos espantosos do Salvador, que declarou aos fariseus que, se os seus discípulos Lhe não prestassem homenagem, as próprias pedras o fariam (Lc 19, 37-40): as impossibilidades naturais não são um obstáculo para Ele. Ninguém consegue prever quem são as pessoas que Ele vai escolher: o bisneto do mais escandaloso dos papas, Alexandre VI, veio a ser o grande São Fran-

⁵ John L. Allen Jr., «All things catholic», *National Catholic Reporter*, 14 de março de 2008.

cisco Bórgia, braço direito de Santo Inácio de Loiola na organização da Companhia de Jesus e, juntamente com São Carlos Borromeu, uma das figuras mais importantes da Contra-Reforma.

Vemos essa mesma graça a atuar na vida das 23 pessoas que contam as histórias das suas conversões nas páginas deste livro. Não foram atraídas para a Igreja por programas de evangelização eficazes, mas sim pelo próprio Cristo. A despeito das muitas coisas que as distanciam, em termos de origem, formação e campo de atuação, todas mostram claramente que a escolha foi de Cristo; que foi Cristo quem lhes tocou no coração e interveio na sua vida de uma forma inesperada, nalguns casos até milagrosa, para as chamar a serem pedras vivas, trabalhando com Ele na reconstrução da sua Igreja a partir da ruína em que se tornou (1Pe 2, 4-9). Alguns destes relatos são tão extraordinários que parecem ter sido retirados de uma coletânea de narrativas de milagres medievais.

Cristo encontra conversos em qualquer parte, por muito improváveis que sejam o tempo e o espaço: numa universidade onde predomina a esquerda secular, no seio de uma família de ateus, num grupo fechado de adoradores duma deusa, e até dentro da Igreja Católica, no meio de praticantes rotineiros. Entre os temas inesperados que vieram à superfície aquando da composição desta coletânea, o mais impressionante é a persistência de Deus. Em tempos extraordinários, é preciso recorrer a meios extraordinários. Todas as histórias contidas neste livro revelam as medidas extraordinárias a que Ele recorre atualmente para chamar novos discípulos para o seu serviço, a fim de restaurar todas as coisas em Si. Uma e outra vez, as narrativas demonstram a paciência com que Cristo persegue a sua presa quando esta resiste, durante dias e noites, todo o tempo que for necessário.

O Papa João Paulo II previu muitas vezes que, no novo século, a Igreja conheceria uma nova primavera. Quantos o ouviam perguntavam a si próprios, cheios de perplexidade, que sinais estaria ele a identificar de um tal Pentecostes que mais ninguém conseguia vislumbrar. Começamos agora a vê-los. Mesmo que a sociedade secular se arruíne, mesmo que todos os outros pastores fracassem, Cristo há de salvar a sua Igreja, como prometeu fazer. E então, como Deus disse a Ezequiel, «reconhecereis que Eu, o Senhor, falei e agi» (Ez 37, 14).